

ALGUMAS IMPLICAÇÕES PARA O MÉTODO EM TEOLOGIA ADVINDAS DA NOÇÃO DE INFORMAÇÃO

SOME IMPLICATIONS FOR THE METHOD IN THEOLOGY ADVENTED BY THE NOTION OF INFORMATION

*Francisco Dário Bandeira**

RESUMO: Esse trabalho procura argumentar que a compreensão do que é a informação, conforme expressa na teoria semântica informacional de Fred Dretske, pode auxiliar estudantes e teólogos na realização de reconstruções históricas. Considerando que uma das etapas do método em teologia lida exatamente com a questão da possibilidade de acesso ao dado histórico na articulação de seu discurso para o contemporâneo - acesso, interpretação e aplicação, argumentamos que o uso da referida noção de informação, pensada com as demandas aqui ressaltadas da metodologia teológica, pode prover importantes procedimentos metodológicos para a tarefa da reconstrução do fato histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Informação, História, Método em Teologia.

Abstract: This work seeks to argue that the understanding of what is information, as expressed in Fred Dretske's informational semantic theory, can help scholars and theologians in the conduct of historical reconstructions. Considering that one of the stages of the method in theology deals precisely with the question of the possibility of access to the historical data to articulate its discourse to the contemporary - access, interpretation and application, we argue that the use of this notion of information, articulated with the demands here highlighted from the theological methodology, can provide important methodological procedures for the task of reconstructing the historical fact.

KEYWORDS: Information, History, Method in Theology.

1 Introdução

Conforme Noam Chomsky, o surgimento e o poder explicativo da teoria matemática da comunicação/informação, suscitaram importantes usos e expectativas de aplicação em outros campos de estudos. Em nossos dias, observa-se de modo até mais intenso o uso da noção de "informação", mas como observou Fred Drestke, poucos se ocupam de esclarecer tal noção. Diante dessa lacuna, Dretske dedicou-se a explicitar essa noção no contexto de uma metafísica naturalizada, que tinha como objetivo a elaboração de uma genuína teoria semântica da informação. Como observou Fred Adams, essa teoria semântica poderia permitir a reconstrução das cadeias causais dos eventos até sua origem. Noutras palavras, através da teoria dretskiana, dadas certas características da "informação", seria possível a um destinatário, devidamente habilitado para decodificar e interpretar a informação recebida, reconstruir uma sequência de eventos até sua origem. Nesse contexto, observa-se que dentre as diversas atividades humanas, a Teologia ocupa desde o período medieval um lugar de destaque entre os campos do saber. Ela tem fornecido introduções à compreensão de textos

* Mestre em Filosofia pela Universidade Regional do Ceará; darioband@gmail.com

antigos, favorecendo assim a interpretação e a aplicação para os nossos dias. É evidente que em tais atividades da teologia ocorrem intensas reconstruções históricas, que possuem comumente, caráter normativo/autoritativo. Como ressalta Udo Schnelle, tais reconstruções não podem ser arbitrárias.

Emerge assim, à semelhança de outras disciplinas, uma etapa fundamental do empreendimento teológico que é a elaboração e explicitação de sua metodologia. Tal atividade é importante porque, por um lado, como destacou Clark Pinnock (1998, p.197) “cada teólogo segue um método, seja consciente ou inconscientemente”. E ainda, enquanto portadora de um discurso que deseje ser ouvido de modo relevante, a Teologia deve dar razão de sua articulação. Nesse desiderato, destaca-se o trabalho teólogo jesuíta canadense, Bernard Lonergan, que se dedicou, após longa reflexão teórica sobre como ocorre a inteligência humana, ao desenvolvimento do método em teologia. No contexto do método em teologia, esse trabalho procura utilizar a noção de informação dreetskiana como auxílio à tarefa de reconstrução histórica na reflexão teológica.

2 A busca por uma noção de informação

O que é Informação? Eis um termo dos mais utilizados e de grande complexidade de definição. Como destaca Adriaans (2012), embora “a noção de informação tenha sido tematizada na filosofia ocidental desde cedo, uma análise explícita da informação como conceito filosófico é recente e remonta à segunda metade do século XX.” Historicamente, ressalta Adriaans (2012), “o estudo do conceito de informação pode ser entendido como um esforço para tornar as propriedades extensivas do conhecimento humano mensurável.”

Conforme Capurro e Hjørland (2007, p.156), no *Oxford English Dictionary*, “o verbete é descrito em dois contextos básicos: o ato de moldar a mente e o de comunicar conhecimento. ” Os estudiosos observam ainda, que nesse caso, o prefixo *in* não tem o sentido habitual de negação, “mas fortalece o ato de dar forma a alguma coisa.” Ao examinar o uso da noção na antiguidade, Capurro e Hjørland constatarem dois usos frequentes do termo. Primeiro há o uso tangível, onde se destacam atos criadores e de formação ou desenvolvimento. Mas também um uso com conotação intangível, algo para o qual tende um sistema ou processo em formação ou desenvolvimento.

Já durante a Idade Média, segundo Capurro e Hjørland (2007, p.157) os termos *informatio* e *informo* continuaram sendo utilizados nos contextos epistemológicos, ontológicos e pedagógicos, bem em acordo com as noções de tangível e intangível anteriores. Na Modernidade, os estudiosos ressaltam que J. D. Peters nos chama a atenção para mudanças no uso da noção, isto em como consequência das demolições institucionais ocorridas entre os séculos XVII e XVIII. Segundo os estudiosos:

A noção de que a informação consistia de uma atividade ou processo de dotar alguma entidade material com forma permaneceu bastante inalterada. No entanto, a compreensão de que o universo era ordenado por formas caiu em desuso. In-formar agora era usado num contexto da atividade mental marcando uma inversão fundamental no significado de informação. (PETERS *apud* CAPURRO e HJORLAND 2007, p. 158):

Como vemos, na modernidade perdem-se ou amenizam-se as heranças ontológicas e metafísicas do termo. Entra em voga o empirismo e com isso a

informação passa a ser pensada como emergindo da mente humana. Observa-se uma redução da riqueza do termo uma vez que a noção de informação é subordinada a processos mentais.

Em nossos dias, observamos uma retomada de algumas noções da tradição a respeito do termo informação. A noção tem sido utilizada em diversas áreas do saber: Biologia, Física, Filosofia, etc., denotando tanto aspectos ontológicos, metafísicos e empíricos. Maria Eunice Gonzalez, por exemplo, forneceram uma nota exegético-hermenêutica sobre o prefixo *in*:

O prefixo *in* do termo informação pode ser entendido, enquanto modo acusativo, em três concepções: 1) como expressão da noção de movimento em direção ao lugar para onde se dirige algo; 2) como ordem temporal; de algo que se desenvolve através de processos, e, 3) em sentido figurado; como referência à noção de devir. Considerando essas três acepções do prefixo *in*, podemos compreender o termo informação em relação a um movimento que se desenvolve, através do tempo, rumo ao estabelecimento de algo ainda em formação. (GONZALEZ et al. 2004, p. 2)

Para Charaudeau (2006, p. 278), o termo “informação” pode ser considerado a partir de quatro campos de reflexão: 1- O da teoria matemática da comunicação, 2- Da psicologia cognitiva, 3- Pragmática e 4- O dos gêneros discursivos. Em meio a essa diversidade, estudiosos concordam que a noção ganhou grande atenção, a partir do desenvolvimento da teoria matemática da comunicação (TMC). Vejamos um breve panorama dessa vertente de estudos.

Desenvolvida por Claude Shannon (1949) e Warren Weaver, interessa a TMC compreender os aspectos quantitativos do fluxo da informação. Em outros termos, buscou-se nessa abordagem compreender a medida de quantidade de informação de uma fonte X a um dado receptor Y; a quantidade que informações vai de um ponto A até um ponto B. Isto não impediu, no entanto, que outros estudiosos vissem na teoria implicações para outras disciplinas.

Nessa esfera, Logan (2012, p. 38) refere-se ao esforço de MacKay *apud* Hayles (1999a), que chamou a atenção para a necessidade de determinar a questão semântica do que informar e para quem enviar informação. Ou seja, segundo MacKay, a informação deve ser definida como “a mudança mental em um receptor, *o sinal* informativo é portador de significado.” Portanto, a informação não deveria ser vista apenas “como o sinal do remetente ao destinatário.” Explorando essa lacuna, Norbert Wiener (1970, p.199), por exemplo, já ressaltara que no ciclo informacional, um emissor X, para transmitir informação não só depende da informação pelo próprio estímulo, mas de toda uma constituição estrutural/relacional da rede informativa. Outrossim, para Dubois et.al. (2014, p.322), é importante notar que segundo os teóricos da TMC, “as línguas naturais possuem certas qualidades comuns a todos os sistemas de comunicação”, ou seja, a ocorrência da informação emergiria em meio a certa organização. Felizmente, hoje sabemos que em Biologia, a informação já surge como organizadora dos sistemas, “agindo” mediante certas funções. Esses são importantes aspectos que escapam à ênfase quantitativa da TMC e serão retomados mais adiante, na tentativa de compreender como se dá a constituição de uma etapa do método teológico.

Constata-se que os autores da TMC estavam conscientes desses aspectos que escapavam à TMC, bem como de outras possíveis implicações da teoria. Conforme observou W. Weaver, co-autor da TMC com Claude Shannon, no processo de

comunicação da informação, estão em jogo distintas questões que podem ser pensadas envolvendo três níveis:

- a) No primeiro nível são abordados os problemas técnicos sobre a quantificação de informações e tratados pela teoria de Shannon. Segundo Weaver (1949, p.11) “esses problemas são inerentes a todas as formas de comunicação”;
- b) Em segundo lugar, conforme Luciano Floridi, destacam-se os problemas semânticos relativos à interpretação do significado pelo receptor, levando em conta a intenção pretendida pelo emissor. Aqui “estão em jogo problemas semânticos relativos ao significado e à verdade.” (Floridi, 2010, p.6);
- c) Por fim os problemas sobre a influência ou eficácia do processo de comunicação de informações sobre o comportamento humano. Aqui comunicação da informação desempenha um papel igualmente importante em relação aos dois anteriores.

Concernente à influência dessa teoria, Noam Chomsky, observa que no começo da década de 1950, a TMC fornecera um conceito fundamental – o conceito de informação - *ou pelo menos uma noção fundamental* para a compreensão de uma gama de fenômenos da comunicação. Segundo Chomsky (2009, p. 30), já “a partir dessa noção, emergiu a expectativa de unificação entre as ciências sociais e do comportamento. ” Nutriu-se claramente a expectativa que a junção desses saberes permitiria o desenvolvimento de sólida e satisfatória teoria do comportamento humano e dos organismos sob bases probabilísticas. Esses esforços, conforme ressalta Bandeira (2015, p.23), justificam-se a partir das seguintes noções que emergiram da TMC:

- a) A informação está inserida num processo/cadeia valorativa. Quem tem informação possui algo potencialmente valioso;
- b) Informação pode ser registrada (codificada), transmitida e armazenada (estocada) por diversos meios;
- c) Em geral a informação pode ser recuperada quando necessário;
- d) Trata-se de um termo amplamente utilizado em diversas áreas das atividades humanas;
- e) As relações informacionais podem ser entendidas como compondo um ciclo. Esse ciclo pode ser situado no âmbito do processo de geração do conhecimento.

No contexto filosófico, renomados estudiosos nos fazem ver a emergência ao longo da segunda metade do século XX, de uma verdadeira *teia* de vertentes de estudos sobre a informação. Conforme Peter Adriaans (2012), os estudos sobre informação no

século XX podem ser organizados em seis abordagens; quatro de cunho quantitativo e duas de cunho ontológico e semântico. Gonzalez et.al (2004), propuseram uma divisão semelhante, porém com apenas duas vertentes: uma de ênfase matemática e outra ontológico-semântica. Destaca-se ainda a proposta de Luciano Floridi (2010), que diante da amplitude de usos do termo, propôs o desenvolvimento de uma nova área de estudos: A Filosofia da informação.

Em meio a proliferação de abordagens que procuram por um lado compreender a natureza e o fluxo da informação, bem como o interesse da ciência no estudo dessa entidade, e ainda os usos e demanda por informação, emergem, duas questões centrais: primeiro, como ressaltado pelo filósofo Fred Dretske (1981), embora seja comum o uso do termo em livros, atividades cotidianas, etc., é incomum apresentar-se uma definição sobre o que é informação. Segundo, que tal entidade possui poder causal, ou seja, a informação pode gerar algo. Essas duas questões parecem nortear os verdadeiros desafios aos estudos sobre a informação.

A respeito da primeira questão, persistiu a necessidade de explicitação do que é Informação, pelo menos até 1981. Coube a Fred I. Dretske, na *Knowledge and the Flow of Information (KFI)*, o desenvolvimento de uma influente teoria que, partindo da TMC, procurava conforme Dretske, explorar “uma estrutura subjacente” à TMC, para dela tirar implicações semântico-epistemológicas. Dretske procurou aplicar as noções daí extraídas, ao desenvolvimento de uma teoria semântico baseada em informação que acarretava importantes contribuições para a Epistemologia, em sua relação com a geração do Conhecimento. Conforme Barwise (1983, p.65) a noção básica da abordagem de Dretske em *KFI*, é que uma situação carrega informação sobre outra e uma vez que elas operam sobre regularidades, tal mecanismo, a reboque dos resultados obtidos pela TMC, pode ser tomado como confiável. Sven Bernecker (2006, p.159) ressalta que em *KFI* Dretske (1981), entre outras coisas, “desenvolve uma versão do confiabilismo em termos de informação”:

Para uma crença carregar a informação que p, não é suficiente que ela seja causada por um processo confiável que só acontece para transportar as informações que p. As mesmas propriedades do processo que são responsáveis por carregar a informação que p também têm que ser responsáveis em causar a crença segura de que p. Em outras palavras, o conhecedor deve ser capaz de distinguir entre as propriedades geradoras da informação que originam sua crença e outras propriedades irrelevantes, de modo que a sua crença não teria sido formada na ausência destas propriedades relevantes da informação. (BERNECKER, 2006, p. 159).

A análise de Bernecker faz notar algumas exigências que envolvem o uso do termo informação. Segundo Dretske, no contexto da TMC, emergem restrições legiformes entre situações e estas habilitam uma situação a carregar informação sobre outra. Isso fica bem explícito no contexto da semântica dretskiana, dado que o filósofo pressupõe a ocorrência da “informação” na Natureza, bem como a relação com regularidades nômicas¹, que tanto regulam como constroem o fluxo informacional.

Na esfera da semântica informacional, Frederick Adams (2004) ressalta o fato de que as mensagens podem conter informações sobre o que está ocorrendo em outra parte, sugere “a possibilidade de reverter o sentido de uma mensagem (ou pensamento) às origens

¹ Essa noção deve ser entendida no contexto do debate sobre as leis da natureza e seu papel na explicação científica. Para uma introdução ao tema, ver Carl G. Hempel, cap.5. (1974).

informativas em seu ambiente”. Por exemplo, um receptor *K*, devidamente habilitado e portando um dado conjunto de informações, poderia reconstruir uma cadeia causal que levasse a determinação de certos eventos ocorridos, reconstruindo assim cenários verídicos. Isso pode ser observado, em muitos casos das investigações da operação Lava Jato deflagrada no Brasil. Eles ilustram bem a possibilidade de reversão semântica baseada em informação. Um Juiz (receptor) condena pessoas com base em depoimentos, planilhas e investigações periciais (tipos de informações causais). Há, no entanto, casos em que determinadas peças informativas não estão disponíveis, mas como veremos, essa e outras dificuldades não excluem as mencionadas características da informação, entendida em termos dretsianos. Voltaremos a abordar essas qualidades e propriedades da informação, uma vez que elas seriam de grande importância em outras atividades, como por exemplo, na constituição do método teológico.

Outro aspecto da informação, conforme Abraham Moles (1969, p.184), é que a mensagem informacional pode ser entendida como uma seleção ou sequência tirada de um repertório. Por exemplo, na declaração: “Ora, naquele tempo, foi publicado um edito de César Augusto mandando recensear o mundo inteiro. Esse primeiro recenseamento teve lugar na época em que Quirino era governador da Síria” (TEB, p.1264), o evangelista Lucas envia uma peça informativa aos seus ouvintes. Do ponto de vista informativo, temos uma restrição de eventos históricos. Os leitores poderiam então, reconstruir por intelecções, a cadeia de eventos até o fato mencionado. Claro que alguém poderia objetar sobre a ocorrência, nomes, datas etc., mas o que está em jogo, nesse instante, é o aspecto restritivo da informação e isso vale para ambas posições diante do enunciado. Aos ouvintes, a informação lucana deve produzir uma determinada ação. Quanto às possibilidades de objeção, estas partem exatamente do aspecto restritivo da peça informativa para constituição da referência histórica a ser investigada. É evidente que por meio da informação, semelhante ao juiz de nosso exemplo, podem-se buscar estabelecer uma cadeia causal de eventos.

A possibilidade de reversão e o aspecto contextual requerem mecanismos que garantam certa estabilidade inerentes ao fluxo informacional. Esse estado de coisas coloca frente a frente o mundo do intérprete e o mundo natural. Nessa esfera, a realização da reversão² mencionada por Adams acima, caberia a uma teoria semântica da informação. Na tentativa de cumprimento dessa tarefa, Gonzalez e seus colegas destacam o papel de Fred Dretske:

Os estudos de uma abordagem contemporânea da semântica informacional, amplamente conhecida pelos filósofos da mente e cientistas cognitivos, foi originalmente elaborada por Dretske na obra *Knowledge and The Flow of Information* (1981), que aborda problemas relativos à Teoria do Conhecimento, a partir da perspectiva informacional.. Nessa abordagem o conhecimento é descrito como “crença fundada em informação”. Aquilo que daria veracidade e justificaria uma crença culminando em conhecimento empírico, perceptual seria a informação. (GONZALEZ et al. 2004, p. 9)

Na inteligência de Dretske, uma vez que na TMC regularidades são tomadas como presentes nos processos que garantem o comportamento dos diferentes sistemas de comunicação e que a informação enquanto ali transmitida está envolta nessas

² Entendemos que essas noções uma vez estendidas a outras áreas do saber, por exemplo para a História e a Teologia, poderiam prover mecanismos de reconstrução de suas referências. Essa possibilidade será retomada na quarta parte desse trabalho.

regularidades³, é possível concluir que tanto a informação em si (no seu aspecto físico e semântico)⁴, quanto os *links que* estabelecem o fluxo, gozam de estabilidade via regularidades e *constraints*⁵. Portanto, ressalta o filósofo, “o fluxo informacional genuíno, ocorre somente quando suas correlações estatísticas são sintomas decorrentes de leis.” Dretske (1981, p. 247 n. 6-7). Destarte, a percepção e a crença daí decorrentes gozam de tais fundamentos⁶, podendo serem afirmadas como experiências verdadeiras. Note-se que sem muitas dificuldades, podemos admitir que o receptor também opera/age sob certas regularidades! O papel do receptor ou interprete será abordado mais adiante.

Veremos a seguir que no desenvolvimento método teológico, pressupõe-se a noção de informação para a geração do conhecimento. Embora o apelo às referidas características da informação não ocorra, pelo menos *conscientemente* e nos termos nomológicos dretskianos, historiadores e teólogos parecem pressupor que suas reconstruções históricas, advindas do uso de informações, podem possuir o estatuto de verdade. Consideramos que tal garantia emergiria da própria natureza da informação, situada em meio a um conjunto de dois elementos que compõem as ações humanas: elementos estruturantes e deflagrantes dos eventos naturais e humanos. Tal reconstrução da teoria semântica informacional, deve ser pensada é claro, em termos aproximativos dos eventos, ainda que essa reconstrução, conforme entendemos, possa gozar de alta probabilidade de verdade.

3 Informação e geração de conhecimento teológico

É condição que qualquer saber que pretende ser fonte de autoridade possa se exprimir em categorias inteligíveis aos interlocutores. Isso possibilita por um lado, a compreensão e aceitação dos conteúdos. Por outro lado, esse esforço pode viabilizar o exame e questionamento de tais saberes. Finalmente, torna-se possível corrigir deficiências ou até negar (quando for o caso) a validade de suas pretensões. Em resumo, observa Semeraro (2003, p.489): “o “método” indica “um procedimento de pesquisa organizado, que pode ser repetido e corrigido de maneira tal que torne possível a aquisição de resultados válidos. Esse significado também é válido para a teologia.” Finalmente, Maia (2015, p.73) adverte: “nenhuma ciência vive sem pressupostos, e a elaboração de um sistema que seja considerado como uma consequência lógica de sua

³ Dretske serve-se dessas noções de modo fulcral para tentar assegurar o fluxo da informação entre os elos da cadeia de comunicação. Dretske anuncia isso de modo claro: “as probabilidades condicionais usadas para calcular ruído, o envio e transmissão e, por conseguinte as probabilidades que definem o conteúdo do sinal são todas determinadas por relações nômicas que existem entre a fonte e o sinal.” (Dretske 1981, p. 76-77).

⁴ Décio Pignatari esclarece que: “o teor de informação dos sinais não é algo destacado dos próprios sinais, não é algo de que os sinais sejam meros portadores, como invólucros ou veículos que pudessem carregar e descarregar seu conteúdo” (1984, p.16), ou seja, informação e sinal se imbricam, formam uma só entidade. Retomaremos essa imbricação característica do sinal informacional sob a roupagem da relação forma e conteúdo, e como ficará claro, esta noção conforme entendemos, coopera para a exposição do processo de como a informação pode produzir conhecimento na abordagem dretskiana (1981).

⁵ Um *constraint* é uma restrição que constringe determinado fenômeno a um modo/comportamento. Para Bandeira (2015, p.40), um *constraint* pode agir pressionando o sistema a certo tipo de comportamento relativamente constante.

⁶ Tenha-se por claro que para Dretske (1981, p.86) “a transmissão da informação requer não somente um conjunto de correlações de fatos, mas uma rede de dependência nômica entre a condição na fonte e as propriedades do sinal.”

definição prévia”.

O saber teológico não foge a esse cenário científico e epistemológico. Sua articulação deve seguir uma metodologia. Nas palavras de Pinnock (1998, p.197), isso ocorre de modo consciente ou não. Independente das pretensões dos enunciados, a veiculação de ideias emerge numa certa concatenação, algo que parece inerente a existência da linguagem. Os argumentos são construídos pelo uso de certos elementos ou técnicas. Pinnock (1998, p.198), por exemplo, ressalta que, embora G. C. Berkouwer nunca tenha explanado *sistematicamente* (grifo nosso) sua metodologia, todos concordam que ele possuía uma maneira de ordenar suas ideias, tomando inclusive outras ferramentas teológicas para explicar seus procedimentos.

Mesmo a compreensão da teologia como linguagem tão somente, não elimina a necessidade de compreensão de sua articulação e expressão. Como observa Claudio Ribeiro tal perspectiva não elimina o caráter científico da teologia. A teologia cristã por exemplo, esclarece Ribeiro (2008, p.635), têm “o seu próprio surgimento e desenvolvimento, desde o período bíblico”. O uso do Antigo Testamento como fundamentação de ações, bem como o caráter hermenêutico exigem reflexão metodológica. Nessa complexa tarefa, ressalta o estudioso, “articulam-se o rigor metodológico e científico de um lado, e, por outro, uma certa liberdade e intuição – não arbitrarias – que diferentes grupos possuem em suas avaliações crítico-religiosas de cada momento e circunstâncias históricas.” Ribeiro (2008, p.635). Nesse percurso, têm-se por claro a ausência de neutralidade metodológica. Maia (2015, p.77), nos lembra que, como em qualquer ciência, a investigação teológica aproxima-se dos fatos levando consigo seus pressupostos.

Explicitada a necessidade de reflexão sobre a metodologia teológica bem como suas exigências acadêmicas, voltamos nossa atenção para um aspecto que julgamos ser fulcral nesse processo. Busca-se explorar a noção de informação conforme anunciada por Dretske, como auxílio à tarefa de reconstrução histórica no contexto da metodologia em teológica. Como ressalta Udo Schnelle (2010, p. 29-30), tal reconstrução deve ser empreendida, tendo-se em mente que apesar dos limites na recuperação do acontecido, não se deve abandonar absolutamente a relação com o acontecido, mas refletir sobre suas condições de realização. “Construção”, destaca o teólogo, “não significa algo que pudesse ser justificado a partir de si mesmo, mas atrelado a métodos e elementos reais préestabelecidos.” Schnelle (2010, p. 30). Doravante, nossa investigação desenvolver-se-á em diálogo com uma obra da maturidade do teólogo jesuíta de Bernard Lonergan – Método em Teologia. Vejamos então o desenvolvimento dessa argumentação que procura auxiliar à metodologia teológica, por meio da já anunciada reconstrução histórica na concepção informacional.

Clodovis Boff, especialista em metodologia teológica, ressalta o primado absoluto da revelação para a teologia. Segundo o estudioso, *na experiência cristã* (grifo nosso) “praticamente, fazer teologia é confrontar criticamente as questões humanas com a Bíblia”. Boff (1998, p.113). Decorre ainda segundo Boff, que a fé revelada é “o marco zero” de toda a teologia. Ademais, ressalta o sacerdote, além de ser palavra, a revelação é História. Para o teólogo, (1998, p.115) implica notar que o princípio formal ou determinante da teologia, não tem por conteúdo uma doutrina abstrata, um conjunto de verdades especulativas. Trata-se acima de tudo, de uma história: A História da Salvação. Indagamos então: Como é possível do ponto de vista cognitivo e linguístico, o acesso a tais dados de modo que sejam compreendidos enquanto acontecimento - no passado e comunicados ao presente? Argumentaremos que a compreensão do aspecto informativo

desses dados nos ajuda na busca da resposta a essa questão.

Em sua obra *Insight*⁷ (1957), conforme nos esclarece Henriques (2010), Bernard Lonergan faz o esforço de investigar, em diálogo com outras ciências, como emerge o insight (intelecção) na consciência. Outrossim, deve-se ter por claro, como destaca Giustiniani (2006, p.34), que Lonergan via na obra, o primeiro de dois passos centrais na tentativa de recuperação de, pelo menos, sete séculos de atraso teológico, com vistas a um segundo passo, que seria, a constituição de um método para a teologia, influenciado fortemente pelos cânones do *Insight*.

Como ressaltado, entendemos que o diálogo das ideias de Dretske e Lonergan, pode cooperar na constituição do método teológico, admitidas as garantias da informação enquanto ocorrendo de modo natural ou linguístico. Uma das implicações da teoria de Dretske é que, em vez de pensar o conhecimento como uma crença verdadeira justificada, é possível definir conhecimento em termos de crença baseada em informação. Segundo Dretske, nesse caso, a verdade é garantida pela informação (a informação é sempre verdadeira, uma vez que as regularidades dos sistemas informativos, em especial os naturais, sempre oferecem a informação de uma dada maneira), e a justificação da crença, pode ser tomada como primitiva. Nesse sentido, um exame na obra *Insight*, revela que ali Lonergan toma a noção de informação como algo confiável. No entanto, considera que comumente seja necessário acrescentar informações sobre determinado evento/fenômeno ou que certas informações podem ser incompletas. Tal posicionamento é compreensível, em especial no contexto das ciências, e isso pode ser tomado como testemunho da noção de conhecimento aproximativo.

Lonergan, observa Henriques (2010), mantém intenso diálogo com as “ciências duras” e delas extrai noções e exemplos para a compreensão de como emerge a intelecção. Esse diálogo, fruto de uma vida toda de estudo e reflexão, lhe proporcionou o amadurecimento da compreensão dos processos cognitivos humanos. Anthony Thilseton (2015, p.549), observa que nesse percurso, estava em desenvolvimento o desenvolvimento de um *background* transcultural e um método transcendental peculiar para a teologia, que, nos termos Matthew Lamb, não se trata de cartesianismo ou kantismo, “mas de um conjunto de operações mentais ligadas que dá resultados progressivos e cumulativos”. Lamb (2004, p.1050).

Dretske e Lonergan apontam aspectos quantitativos e qualitativos da informação. Relativo a quantidade, por exemplo, podemos receber mais ou menos informação, ela pode ser completa ou não. Quando à qualidade da informação, ela pode apontar a necessidade de complementos que funcionarão para fazer emergir significados para tomada de decisões. Ademais, uma vez que Dretske e Lonergan estão convencidos, em medidas diferentes é verdade, sobre o fato de que a informação pode cooperar para a constituição de relatos verdadeiros, gerando inclusive conhecimento, buscamos aprofundar centrados nesse quadro teórico, a compreensão da importância dessa entidade, agora no contexto de uma atividade humana específica, a Teologia.

4 Informação e método em teologia – acontecido, significado e história

Admitidas as convergências entre a noção de informação e a metodologia teológica, procuramos agora conectar tais semelhanças a um aspecto específico do

7 F.E.Crowe *apud* Giustiniani (2006, p.34), fornece uma síntese dos conteúdos da obra.

projeto metodológico de Lonergan na obra *Método em Teologia*⁸. Vale observar preliminarmente que no contexto do método teológico, Lonergan, concebe os aspectos informativos de modo mais fluído. Em outros termos, o teólogo mostra-se cauteloso quanto à qualidade das informações nesse novo cenário. No entanto, uma formalização da noção de informação poderia permitir mudanças na interpretação lonerganiana. Nesse sentido, argumentamos em favor da uma manutenção da noção de informação semântica desenvolvida por Fred Dretske, bem como a distinção entre as causas que estruturam dado evento e causas que deflagram as ações conforme Dretske (2010). Adentremos nessa tensão, agora no âmbito da dimensão histórica do dado teológico.

Conforme Matthew Lamb (2004), Lonergan procura argumentar que sua concepção de método transcendental pode transformar a prática da teologia. Anthony Thiselton, explica que Lonergan argumenta inicialmente no *Método em Teologia*, que a mente humana (o bem humano) opera em quatro níveis: “a- Observação; b- Reflexão intelectual; c- Julgamentos de fatos e d- Decisão ou julgamento de valor.” Thiselton (2015, p.549). Na exegese, conforme B. Lonergan (2012), também podemos encontrar níveis de organização, são: a- Entendimento do texto; b- Julgar qual é o entendimento correto a respeito do texto e c- Indicar qual deve ser o julgamento correto. Lonergan (2012). Como se vê, isso faz emergir a questão hermenêutica (sobre o sentido), e a da religião.

Segundo o especialista no pensamento lonerganiano Mendo Henriques (2011, p. 65), a questão perseguida na obra *Método em Teologia* pode ser formulada assim: “será que se poderiam classificar as operações intelectuais que qualquer teólogo tem de realizar ao ensinar *questões relativas à teologia (grifo nosso)*.” E ainda, “será que existem operações de conhecimento semelhantes em toda a teologia?” Henriques (2011, p.66). Para o especialista, essa questão não está restrita *apenas* à teologia, mas aplica-se a qualquer saber metodologicamente organizado. Isso é expresso conforme Henriques, no *Método em Teologia*, a partir do capítulo, *As Oito Especialidades Funcionais*. Outrossim, de acordo com P. Giustiniani (2006, p. 80-81), “as especializações funcionais são precisamente as fases distintas e separáveis de um único processo que parte dos dados para chegar aos resultados últimos”.

No contexto das especialidades aludidas, interessa agora ressaltar a de número quatro. A especialidade *História*⁹, para a qual Lonergan dedica nada menos que cerca de

⁸ Para Henriques (2011, p.65), a obra, “na realidade, é uma introdução geral à hermenêutica”. Por um lado, um professor de teologia precisa acumular muitos tipos de conhecimento: competências linguísticas, ciências auxiliares como arqueologia, ciências históricas e sociais, panorama de filosofia, etc. Para Lonergan, isso é tarefa quase impossível. Em vez de preocupar-se em desenvolver tais competências, o teólogo deve ocupar-se em focalizar no método. Para uma interpretação de cunho teológico especializada, vide Pascuale Giustiniani (2006, p.78-86). O estudioso ressalta influências passadas e presentes em Lonergan que direcionam e estruturam das referidas especialidades.

⁹ Conforme Giustiniani (2006, p.82), observa-se que Lonergan considera que esta pode ser dividida em história de base, história especial e história geral. Na articulação dessas noções, três passos metodológicos devem ser dados: distinguir entre história e ciência da natureza e seus objetos e modos de expressão respectivamente. Em segundo lugar, o conhecimento historicamente constituído implica em ter experiência histórica, inteligência histórica e juízo histórico. Por fim, estabelecer distinção entre o momento pré-crítico na investigação histórica e a história crítica, de primeiro e segundo grau. Examinando manuais de metodologia, como sugere Schnelle (2010, p.26) é preciso distinguir entre *Geschichte/geschichtlich* (história/histórico, o que aconteceu), *Historie/historisch* (ciência histórica e historiografia) e *Historik* (a teoria científica da história, uma meta-história ou história das teorias históricas). Finalmente, deve-se abrir às discussões sobre pluralismo e relativismo histórico, e ao estudo

59 páginas. No âmbito dessa especialidade, estão pressupostas as noções de acontecimento e significado como constituintes inerentes ao discurso científico histórico. Direcionando nossa atenção para a dimensão histórica dos relatos, mas não desconectados das noções de acontecimento e significado, busca-se refletir sobre em que medida, as noções sobre “informação” de Lonergan e Dretske, podem constranger o fato histórico enquanto acontecimento, levando-nos a constituir um evento de um modo X e não de um modo Y, cooperando para a constituição e transmissão de significado. Nesse desiderato, é importante ter por claro o que diz o eminente teólogo em Halle, Udo Schnelle:

Os conteúdos de materiais de fontes precisam ser inseridos numa relação que tenha sentido e significado, eles precisam permanecer disponíveis à discussão e recepção dentro do discurso científico. Todas as afirmações humanas estão sempre inseridas em compreensões gerais preestabelecidas acerca da realidade e do tempo, sem as quais a construção e a comunicação não são possíveis. Cada ser humano é geneticamente pré-construído e constantemente socioculturalmente co-construído. A reflexão e a construção são sempre atos posteriores que se referem a algo préestabelecido, de modo que cada forma de autocerteza não repousa em si mesma, mas precisa sempre da relação com algo ocorrido anteriormente que a fundamenta e possibilita. (SCHNELLE, 2010, p. 30)

Dadas as especificidades anunciadas acima da teoria semântica da informação da dretskiana, os significados que podem emergir daí também não seriam constrangidos na investigação histórica a serem elaborados/interpretados de um certo modo, seguindo uma certa regularidade? Finalmente, esses dois estágios não poderiam influenciar a interpretação do historiador, levando-o a raciocinar de um certo modo e não de outro em suas investigações? Voltados para a busca dessas e de outras respostas, direcionamos nossa atenção para uma porção das Escrituras do Judaísmo, passando a destacar três aspectos que consideramos serem intensamente influenciados pela noção de informação até aqui apresentada. Primeiro, o aspecto de escrita da narrativa. A seguir, o ambiente com sua relativa estabilidade de corpos e matérias usados como matéria prima. Finalmente, as atividades de recepção e interpretação dos escritos.

O profeta Isaías, TEB (1995) se dirige aos seus contemporâneos nos cap.1-5 de seu livro, lhes interpela com denúncias, avisos de juízo e promessas de restauração. Considerando o registro textual, numa perspectiva informativa e de constituição de significado, seus ouvintes estariam autorizados a tomar de modo restrito/específico àquelas palavras e não quaisquer outras. As palavras utilizadas pelo profeta, possuem a propriedade de representarem a união de dois aspectos inerentes a informação nesse estágio: forma e conteúdo. As palavras “jumento” (Cap. 1, v.3) e “bezerros”(Cap. 1, v.11) por exemplo, têm como referência imediata, dois animais. Se a sequência (forma inicial) das letras for alterada, para “omjntue” e “rozerbes” (novas formas) respectivamente, o conteúdo informacional transmitido também se perde. Eventualmente o emissor e o receptor podem até fazer o esforço para entender a porção do texto. Mas isso implicaria em inserir uma ação gerenciadora da ordem, e como sabemos, isso requer claramente no aumento do potencial de interpretação e organização, em outros termos: seria preciso maior quantidade de informações para realizar tal tarefa. Além disso, uma escrita que seguisse essa desordenação dificilmente

das estruturas heurísticas.

seria adotada como linguagem cotidiana. Portanto, é possível admitir que tais pronunciamentos emergem situados numa cadeia interpretativa. A casa Real, o sacerdócio e o povo poderiam analisar comparativamente suas ações com a aquela palavra *específica* do profeta, redirecionando suas vidas.

Em segundo lugar, os objetos e materiais que constituem e circundam a narrativa, estão sujeitos a regularidades com alto poder de predição. No capítulo 2.7-8, a referência a “prata”, “ouro”, “cavalos” e “ídolos”, pressupõem um mundo no qual a identidade é preservada. Há aqui um claro uso do senso comum de que as coisas são o que são. A identidade é garantida pelo que é próprio ao objeto – a constância de sua forma – e também pela relativa estabilidade que emerge do processo de nomeação dos objetos. Vê-se, portanto, que a cadeia informativa vai sendo constituída em meio a intensas regularidades. Por fim, a recepção e interpretação da palavra do profeta, deverão correr em sintonia com os pressupostos formativos das peças informacionais dos itens 1 e 2. Uma violação dessas regularidades comprometerá a cadeia de geração de conhecimento entre emissor e receptor. É claro que eventualmente poderão correr ajustes no processo de constituição, envio e recepção e tradução da mensagem, mas isso como já sabemos, requer um grau de complexidade no trato da informação ainda maior e mais especializado. Na passagem de Isaías 3:16-4:1, as palavras usadas, os hábitos descritos, os objetos mencionados, constroem causalmente a narrativa a ser interpretada de um certo modo. Primariamente, a mensagem aplica-se a um grupo específico de pessoas, no caso as mulheres, “as filhas de Sião”, (Cap. 3:16). Nesse caso, por um lado, há a convenção dos termos, mas isso só é possível porque os constituintes da narrativa possuem certas propriedades intrínsecas, não apenas atribuídas. Nesse sentido, entendemos que a atribuição é consequência daquilo que é próprio ao material ou objeto e não apenas fruto de um processo de nomeação arbitrário.

Poderia ser objetado nesse instante, que estamos apontando apenas trivialidades do senso comum. Mas isso só seria admissível se houvesse concordância sobre a noção de informação semântica, algo que não foi objeto de investigação pelo senso comum. Como é frequente as pessoas se referirem à noção de informação de uma maneira bem diversificada e muitas vezes, sem compreenderem o que de fato é “informação”, sua natureza, etc., a questão deixa de ser trivial. Nossa abordagem poderia ser vista como movendo a questão do campo pessoal, para o científico. A relevância da abordagem poderia ser observada como útil a um contexto de autoridade interpretativa, decisões jurídicas (como já aludido em nosso exemplo) e tomadas de decisão para a ação pessoal e coletiva. Como sabemos, esses são cenários bem presentes no contemporâneo e com os quais a teologia deve lidar, por meio de suas reconstruções operadas por seus atores.

Admitidas nossas argumentações, não seria possível considerar tal reflexão como avanço na compreensão do processo e desenvolvimento das narrativas históricas, na medida em que expressam o acontecido? Nosso percurso parece estar em acordo a exigência de Udo Schnelle, ao ressaltar que apesar dos limites na recuperação do acontecido, não se deve abandonar absolutamente a relação com o acontecido, mas refletir sobre suas condições de realização. “Construção”, observa o teólogo neotestamentário, “não significa algo que pudesse ser justificado a partir de si mesmo, mas atrelado a métodos e elementos reais preestabelecidos” (Schnelle, 2010, p. 29-30).

Portanto, dado que o histórico constitui elemento fundamental na articulação da linguagem teológica, parece legítima a questão sobre a investigação sobre em que medida as noções de informação aqui exploradas poderiam cooperar para a expressão da realidade historicamente acessada e reconstruída. Do ponto de vista ontológico e

metafísico, o intérprete e em especial o teólogo, poderiam se beneficiar de uma melhor compreensão do processo de justificação de suas atividades, finalmente, o método em teologia lonergiano poderia gozar de um ganho conceitual para sua execução.

Considerações finais

A noção de informação revelou-se de grande importância para a compreensão de muitas atividades, em especial a partir do século XX. O discurso científico contemporâneo mostra-se influenciado por essa noção, disso testemunham as obras de Dretske e Lonergan.

Dado que a informação conforme Dretske, ocorre sob dadas circunstâncias naturais e linguísticas, a compreensão dos elementos que agem no processo de geração da informação, sejam eles naturais ou produções humanas, pode favorecer a explicação dos diversos mecanismos e raciocínios na atividade científica, dentre eles o método em teologia.

Considerando que Lonergan ocupa-se sobre o lugar do histórico em seu Método em Teologia, considera-se que a aplicação da noção semântica de informação desenvolvida por Dretske pode auxiliar a compreensão de como é possível ao historiador ou ao teólogo empreender a tentativa de reconstrução histórica. Uma vez que tal reconstrução não pode ser arbitrária, a definição de informação pode cooperar para a fundamentação da importante etapa de acesso e reconstrução do texto teológico. Isso nos permitiria avançar na constituição do método em teologia, em especial no que se refere a investigação dos aspectos da reconstrução histórica.

Referências

ADAMS, Frederick. Information theory. In: **THE CAMBRIDGE dictionary of philosophy**. 2st edition. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 435-437.

ADRIAANS, Pieter. Information. In: **Stanford Encyclopedia of Philosophy**, 2012.

BANDEIRA, F. D. A. Dissertação: **Uma investigação sobre o poder causal da informação em gerar conhecimento a partir da obra Knowledge and the flow of information de Fred Dretske**. Fortaleza, Ceará: 2015.

BARWISE, In: Dretske, Fred I. Précis of knowledge and the flow of information. **The Behavioral and Brain Sciences**. United States of American, n. 6, 1983. p. 55-90. Disponível em:

<<http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=6702252&fileId=S0140525X0001463>>. Acesso em: 02 mar. 2017.

BERNECKER, Sven. **Reading Epistemology**: selected texts with interactive commentary. New York: Blackwell Press, 2006.

BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**. 5ª Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. **O conceito de informação**. Perspectivas em ciência da informação. Belo Horizonte, v.12, n.1. 2007. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/pcionline/index.php/pci/article/viewFile/54/57>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHOMSKY, Noam. **Linguagem e mente**. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo. 3. ed. Editora Unesp, 2009.
- DRETSKE, Fred I. **Knowledge & the flow of information**. 2th. Cambridge, MA: MIT, 1982.
- DRETSKE, F. **Triggering and Structuring Causes**, cap 18. In: A companion to the Philosophy of action. Timothy O'Connor, Constantine Sandis, orgs. Oxford. UK. Blackwell Companions to Philosophy.2010.
- DUBOIS, Jean et. al. **Dicionário de linguística**. 2ª edição. São Paulo. Cultrix, 2014.
- FLORIDI, Luciano. **Information: a very short introduction**. New York: Oxford University Press, 2002.
- GIUSTINIANI, Pasquale. **Bernard Lonergan**. Tradução Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Loyola, 2006. (Coleção Teólogos do século XX).
- GONZALEZ, M. E. Q; NASCIMENTO, T.C.A.; HASELAGER, W.F.G. Informação e conhecimento: notas para uma taxonomia da informação. **Encontros de ciências cognitivas**, v. 4, p. 195-220. 2004.
- HENRIQUES, Mendo Castro. **Bernard Lonergan e o *insigth***. Introdução Felipe Cherubin e transcrição Denny Marquesani. São Paulo: É Realizações, 2011. (Coleção Filosofia atual).
- HEMPEL, Carl G. **Filosofia da Ciência Natural**. 2ª Ed. São Paulo: Zahar editores, 1974. (Coleção Curso moderno de filosofia).
- HENRIQUES, Mendo Castro. **Bernard Lonergan: uma filosofia para o século XI**. São Paulo: É Realizações, 2010. (Coleção Filosofia atual).
- LAMB, Matthew L. In: **Dicionário crítico de teologia**. Jean-Yves Lacoste. São Paulo: Paulinas-Loyola, 2004.
- LOGAN, Robert K. **Que é informação?** A propagação da organização na biosfera, na simbolosfera, na tecnosfera e na econosfera. Tradução Adriana Braga. Rio de Janeiro: Contraponto, PUCRIO, 2012.
- LONERGAN, Bernard. **Insigth: um estudo do conhecimento humano**. Tradução Mendo Castro Henriques e Artur Mourão. São Paulo: É Realizações, 2010. (Coleção Filosofia atual).
- LONERGAN, Bernard. **Método em teologia**. Tradução Hugo Langone. São Paulo: É Realizações, 2012. (Coleção Filosofia atual).
- MAIA, Hermisten. **Introdução à metodologia das ciências teológicas**. Goiânia- Goiás: Editora Cruz, 2015.
- MOLES, Abraham. **A teoria da informação e percepção estética**. Tempo Brasileiro, São Paulo. 1969.
- NELSON, Philip. **Física biológica: energia, informação, vida**. Assistência de Marko Radosavljevic e Sarina Bromberg. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- PIGNATARI, Décio. **Informação, linguagem, comunicação**. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1984.
- PINNOCK, Clark. Cap.11.**Theological Method** In: New Dimensions in evangelical thought. Essays in honor of Millard Erickson. David S. Dockery, editor. Illinois, EUA: InterVarsity Press, 1998.
- RIBEIRO, Claudio. **Métodos da Teologia**. In: Dicionário Brasileiro de Teologia. São Paulo: ASTE, 2008.
- SEMERARO, M. **Método Teológico**. IN: Dicionário Teológico enciclopédico. São

Paulo. Loyola, 2003.

SHANNON, C. E. **The mathematical theory of communication**. Reprinted with corrections from **The Bell System Technical Journal**, Vol. 27, pp. 379–423, 623–656, July, October, 1949. Disponível em: < <http://worrydream.com/refs/Shannon%20-%20A%20Mathematical%20Theory%20of%20Communication.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2015.

SCHNELLE, Udo. **Teologia do novo testamento**. Tradutora Monika Ottermann. Santo André, SP: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.

TEB – **Tradução Ecumênica da Bíblia**. São Paulo: Paulinas-Loyola, 1995.

THISELTON, Anthony C. **The SPCK Dictionary of Theology and Hermeneutics**. London, UK. 2015.

WIENER, Norbert. **Cibernética**. São Paulo: Polígono, 1970.